

## Editorial

### Homenagem a uma mulher especial: Eni de Mesquita Samara

---

O Núcleo de Estudos de Gênero – NEGUEM/UFU e o Conselho Editorial da revista Caderno Espaço Feminino têm o prazer de homenagear, neste número, a Profa. Dra. Eni de Mesquita Samara. Desde o início, em 1994, ela compôs o Conselho Consultivo da revista contribuindo para o periódico, seja escrevendo artigos, seja dando pareceres ou mesmo participando de conferências e seminários do NEGUEM. Suas áreas de pesquisa foram determinantes para seus trabalhos junto ao Caderno Espaço Feminino: História das Mulheres e da Família e História da População.

Nas últimas décadas, as mulheres brasileiras têm conseguido obter diversos avanços, seja como trabalhadoras, políticas, estudantes, cidadãs e, principalmente alcançaram, por eleição ou por competência, postos de **poder**, tornando evidente o **empoderamento** destas mulheres. Isso, no entanto, não permite apagar as desigualdades e a invisibilidade secular que atingiu a todas nós.

Conforme Kehl, os avanços realizados sobre os espaços anteriormente masculinos e as novas identificações as tornaram mais complexas, provocando intolerâncias e desentendimentos por parte das mulheres e dos homens.

No caso das pequenas diferenças entre homens e mulheres, parecem ser os homens os mais afetados pela recente interpenetração de territórios – e não só porque isso implica possíveis perdas de poder, como argumentaria um feminismo mais belicoso, e sim porque coloca a própria identidade masculina em questão.<sup>1</sup>

As ausências femininas na historiografia brasileira

---

<sup>1</sup> KEHL, Maria Rita. *A mínima diferença*. Masculino e feminino na cultura. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 26.

foram compensadas coletivamente por movimentos de feministas que desconstruíram as posições secundárias das mulheres em relação aos homens e isoladamente por estudiosas e grandes pesquisadoras, como a Eni, que mesmo desacreditadas por seus pares, por terem escolhido temas “pequenos” e de “menor importância”, persistiram em seus trabalhos e acabaram por contribuir e muito com os estudos das mulheres e de gênero, tanto na recuperação de papéis desempenhados por mulheres no século XIX em São Paulo – das famílias que fugiam dos paradigmas da família tradicional, patriarcal – quanto por utilizar de fontes documentais inéditas como os “testamentos”.

A discussão sobre mulheres na historiografia tradicional atrelada à problemática da família patriarcal não tocava nas diferenças culturais, de classe e temporais.

Segundo Eni,

Desde os tempos coloniais, mulheres das camadas populares, vivendo na escravidão ou em liberdade, negras, mulatas e brancas pobres estavam nas ruas trabalhando e lutando pela sobrevivência econômica. Assim, as suas memórias e histórias de vida podem ser resgatadas através das atividades cotidianas e dos papéis informais, onde instalavam-se conflito e confrontação com os poderes instituídos.<sup>2</sup>

Se na historiografia tradicional e nos textos de viajantes as mulheres brancas eram “presidiárias” em seus próprios lares, não conheciam outro espaço além de suas casas, Eni desvenda outras ações femininas, mesmo que fosse na “ausência” de seus pais, maridos ou companheiros.

Algumas dessas mulheres chefiaram lares, administraram suas casas, os (as) escravos(as) de dentro e os(as) de fora. E porque não dizer: realizaram negócios. Pelos testamentos foi possível vislumbrar os atos ilícitos dos homens e mulheres que após a morte deixaram transparecer os(as) filhos(as) fora do

---

<sup>2</sup> SAMARA, Eni de Mesquita. Feminismo, justiça social e cidadania na América Latina. In: PISCITELLI, A., MELO, H. P. de, MALUF, S.W. e PUGA, V.L. (Orgs). *Olhares feministas*. Coleção Educação para Todos. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2009, p. 89.

casamento, os(as) amantes, brancos(as), negros(as) e pardos(as).

Eni movimentou-se entre áreas do conhecimento. Formou grupos de pesquisa conjuntamente com economistas e historiadores(as). Cumpru um papel importante como historiadora no país, mais precisamente na Universidade de São Paulo, USP e também no exterior. Foi ainda presidente da Associação Nacional de História – ANPUH, Diretora do Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina – CEDHAL e Diretora do Museu Paulista, entre outros cargos exercidos por ela.

Deixou-nos muito jovem ainda com saudades! Agradecemos todo o seu legado para a História das Mulheres, Família e População.

Vera Lúcia Puga

*Editora da revista Caderno Espaço Feminino  
Orientanda da Profa. Dra. Eni de Mesquita Samara*